

# A Educação na Idade Média: a Retórica Nova (1301) de Ramon Llull<sup>1</sup>

Ricardo da Costa (Ufes)<sup>2</sup>

**Resumo:** Uma das sete *artes liberales*, a Retórica medieval, filha da clássica, incorporou em suas categorias uma série de novos conceitos, desconhecidos dos autores antigos, graças ao pensamento filosófico cristão. Desde Isidoro de Sevilha (560-636) até Alcuíno de York (c. 732-804) e Alain de Lille (1114-1203), toda uma plêiade de pensadores dedicou-se a repensar a Retórica em novos valores, muitas vezes com objetivos apologéticos. Com sua *Retórica nova*, Ramon Llull (1232-1316) foi um dos últimos medievais a debruçar-se sobre o tema. Seguindo Aristóteles (no verdadeiro fundamento da Retórica, que é “a verdade e a justiça”) e Santo Agostinho (“o coroamento de todas as nossas obras é o amor”), Ramon refundou a Retórica, inserindo-a em sua ciência, em sua “Arte”, e acrescentou a caridade como uma das principais bases dessa arte liberal, envolvendo-a em uma dimensão completamente cristã. Assim, nossa proposta é analisar o último capítulo da *Retórica nova*, “Da Caridade”, em que o filósofo expõe provérbios e exemplos para mostrar ao leitor como o retórico deve ornar caritativamente suas palavras.

**Abstract:** One of the seven *liberal arts*, the medieval Rhetoric, son of the classical, incorporated in its categories a series of new concepts, strangers of the classical authors, thanks to the Christian philosophical thought. Since Isidor of Sevilla (560-636) until Alcuíno of York (c. 732-804) and Alan of Lille (1114-1203), all a pleiad of thinkers dedicated to rethink the Rhetoric in new values, many times with apologetic objectives. With your *New Rhetoric*, Ramon Llull was one of last medieval to over itself on the subject. Following Aristotle (in the true bedding of the Rhetoric, that is “the truth and justice”) and Saint Augustin (“the coronation of all our workmanships is love”), Ramon refound the Rhetoric and inserting in your science, your “Art”, added the charity as one of the main bases of this liberal art, involving it in a completely Christian dimension. Thus, our proposal is analyze the last chapter of the *New Rhetoric*, “Of the Charity”, where the philosopher displays proverbs and examples to show to the reader as the rhetorician must decorate with Charity his words.

**Palavras-chave:** Retórica – Educação – Idade Média – Ramon Llull.

**Keywords:** Rethoric – Education – Middle Ages – Ramon Llull.

Eloquii si quis perfecte noverit artem,  
Quodlibet apponas dogma, peritus erit.  
Transit ab his tandem studiis operosa juvenus  
Pergit et in varias philosophando vias,  
Quae tamen ad finem tendunt concorditer unum,  
Unum namque caput Philosophia gerit.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> **Palestra de encerramento** da VI Jornada de Estudos Antigos e Medievais, evento organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá entre os dias 03 e 05 de outubro de 2007.

<sup>2</sup> Professor adjunto de *História Medieval* da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Site: [www.ricardocosta.com](http://www.ricardocosta.com)

<sup>3</sup> Citado em CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: HUCITEC, 1996, p. 117.



Detalhe da iluminura 2 do *Breviculum* (Badischen Landesbibliothek Karlsruhe aus der Klosterbibliothek Sankt Peter Signatur: St. Peter perg. 92). No meio da multidão, Ramon (o homem calvo, de vermelho), escuta a eloqüente pregação de um bispo sobre a vida de São Francisco – até a natureza se verga para ouvi-lo melhor (repare na inclinação da árvore em direção ao pregador). Além da atenta multidão que o escuta, extasiada e comovida, a capacidade retórica do orador é expressa na imagem sobretudo através do tamanho e do movimento de suas mãos, além do comprimento de seus dedos: na Idade Média, o gesto é fundamental, e a beleza de sua expressão corporal está diretamente associada à capacidade oratória.

“Se alguém conhecer a arte da eloqüência, será um perito em qualquer disciplina em que for interrogado. A laboriosa juventude se envereda e parte desses estudos, filosofando em vários caminhos, que, no entanto, chegam ao mesmo fim, pois a Filosofia tem uma só cabeça”. Assim João de Salisbury (c. 1115-1180), humanista da Escola de Chartres, se referiu à Retórica em pleno século XII, defendendo-a dos ataques dos *cornificianos*, estudantes universitários que desejavam uma redução dos programas de estudos. Dessa forma, Salisbury mantinha o *ideal de totalidade do saber*, e, no caso da Retórica, defendia sua importância por manter a comunidade humana unida pela graciosidade da harmonia das palavras.<sup>4</sup>

Esse ataque à unicidade dos estudos não era novidade para os acadêmicos medievais: alguns anos antes, Gilberto de la Porrée (1076-1154), professor de Chartres, também combateu esse mesmo *partido dos cornificianos*, e defendeu o ideal clássico do estudo desinteressado. Ele nos conta que, quando via aquela pequena multidão correr para os estudos universitários (muitos sem a menor vocação), dizia a eles o seguinte: “...costumava aconselhar-lhes o ofício de padeiro. Dizia que, em seu país, esse ofício era o único que aceitava todos que não tinham outro ofício, nem outro trabalho. É muito fácil de exercer, é auxiliar de todos os demais, e convém sobretudo aos que procuram menos a instrução do que um ganha-pão.”<sup>5</sup>

Portanto, já no século XII o ensino da Retórica sofria críticas por parte da emergente educação laica, fascinada que estava pelo desenvolvimento da Dialética.

<sup>4</sup> “Queixa-se ele (Salisbury) de que essa orientação desdenha os autores, a gramática e a retórica. Os que respeitam os *auctores*, diz ele, sofrem impropérios como: ‘Que quer o burro velho? Por que nos cita palavras e feitos dos antigos? Tiramos nosso saber de nós mesmos; nós, os jovens, não reconhecemos os antigos.’ Como nos parecem familiares essas palavras! Conhecemo-las da cena dos estudantes, na segunda parte do *Fausto*, e do movimento estudantil do século XX. Consola escutá-las no século XII.” – CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*, op. cit., p. 90.

<sup>5</sup> Citado em GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 319.

Mas como ela se inseria na Educação Medieval? A Retórica é a arte do engodo, como se costuma pensar? Por que o filósofo Ramon Llull escreveu uma Retórica que intitulou de *nova*? E por qual motivo inseriu a caridade em seu tratado retórico? São essas as perguntas que tentaremos responder nesse pequeno trabalho.

## I. A Retórica medieval, filha da Retórica clássica

Diretamente herdeira da Retórica clássica, a Retórica medieval desenvolveu seu manancial a partir basicamente de três fontes: a *Retórica a Herênio*, a *Doutrina oratória* (*Institutio oratoria*, de Quintiliano [35-95]) e a tradição cristã (desde São Jerônimo [340-420] até Santo Agostinho [354-430]).

Um dos manuais de Retórica mais estimados na Idade Média foi a *Retórica a Herênio* (*Rethorica ad Herennium*)<sup>6</sup>, texto então atribuído a Cícero (106-43 a.C.), mas, na verdade, de autor desconhecido. Escrito no século I antes de Cristo em meio à crise da República romana, o tratado não deixava de destacar as técnicas para se obter a docilidade e a benevolência dos ouvintes – como é típico dos tópicos da Retórica – mas as fundamentava no conceito de *justiça* e, especialmente na diferença entre o bem e o mal, como se depreende nessa passagem:

Convém que todo o discurso daqueles que sustentam um parecer tenha a utilidade como meta, de modo que o plano inteiro de seu discurso venha a contemplá-la. No debate político a utilidade divide-se em duas partes: a segura e a honesta (...) **A matéria honesta divide-se em reto e louvável.** Reto é o que se faz com virtude e dever. Subdivide-se em prudência, justiça, coragem e modéstia. **Prudência é a destreza que pode, com certo método, discernir o bem e o mal.** (os grifos são nossos)<sup>7</sup>

Esse sólido alicerce ético exposto na *Retórica a Herênio* tem, por sua vez, raiz em Aristóteles (384-322 a.C.). Em sua *Retórica*, o Estagirita sustentou as bases filosóficas da *virtude*, da *justiça*, do *bem* e da *verdade* como alicerces da verdadeira *Retórica*:

**...os homens têm uma inclinação natural para a verdade** e a maior parte das vezes alcançam-na. E, por isso, ser capaz de discernir sobre o plausível é ser igualmente capaz de discernir sobre a verdade (...) Mas **a retórica é útil porque a verdade e a justiça são por natureza mais fortes que os seus contrários.** De sorte que se os juízos se não fizerem como convém, a verdade e a justiça serão necessariamente vencidas pelos seus contrários, **e isso é digno de censura** (os grifos são nossos).<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> *Retórica a Herênio* (trad. e introd. de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra). São Paulo: Hedras, 2005.

<sup>7</sup> *Retórica a Herênio*, Livro III, 3, p. 153.

<sup>8</sup> ARISTÓTELES. *Obras completas. Retórica. Volume VIII. Tomo I*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, 1355a, p. 93.

Embora a *Retórica* de Aristóteles tenha sido pouco lida<sup>9</sup>, o fato é que a tradição grega contrária aos sofistas elevou a Retórica à categoria de valor. Mesmo Platão (c. 429-347 a.C.), tão avesso à Retórica em sua República ideal, fez Sócrates afirmar que ela, para deixar de ser uma *adulação*, deveria estar a serviço da *filosofia da educação*, como “arte de guiar a alma por meio de raciocínios (*Fedro*, 261a) para se chegar à verdade, à justiça e ao bem”. Assim, desde a filosofia de Platão, a verdadeira finalidade da Retórica não deveria ser o ato de agradar aos homens, como defendiam os sofistas, mas agradar a Deus (*Fedro*, 273e).<sup>10</sup>

Em outras palavras, a tradição clássica grega legou aos romanos a noção que a verdadeira Retórica deveria estar a serviço da ética, e que o verdadeiro estadista e o verdadeiro retórico deveriam escolher bem suas palavras e praticar suas ações com o intuito de infundir a justiça nas almas dos cidadãos, fazendo com que neles reinassem a prudência, a moderação, e, sobretudo, desaparecesse o destempero: todas as energias do Estado e do indivíduo deveriam, portanto, dedicar-se à busca do bem, não à satisfação dos desejos.<sup>11</sup>

Esses pressupostos estão muito presentes em Quintiliano, afamadíssimo professor de Retórica do primeiro século de nossa era. Ao escrever sua obra-prima em 95 d.C., a *Doutrina oratória*<sup>12</sup>, este romano-espanhol de Calahorra não teve qualquer receio em seguir a tradição de Catão (234-149 a.C.) e definir, em seu Livro XII, o orador ideal como um homem perito na arte do bem dizer, mas, sobretudo, um homem bom (“*vir bonus, dicendi peritus*”), particularmente por seus costumes.<sup>13</sup>

Todo esse manancial ético clássico que norteou a Retórica foi generosamente sorvido pela tradição cristã, especialmente através de São Jerônimo (c. 340-420) e Santo Agostinho (354-430), que a retransmitiram aos medievais (Jerônimo através de suas cartas<sup>14</sup> e Agostinho em suas *Confissões*).<sup>15</sup>

Isidoro de Sevilha (560-636), por fim, fortaleceu a ponte entre os dois mundos, e dedicou um livro de suas *Etimologias* (Livro II) à Retórica e à Dialética. Nele, o bispo realizou uma importante compilação de excertos e circunscreveu a Retórica ao discurso forense, sem, contudo, abandonar seu cariz ético: “Retórica é a ciência do bem dizer nos assuntos civis, com a eloquência própria para persuadir o justo e o bom”.<sup>16</sup> Sua obra foi muito difundida e consultada ao longo de toda a Idade Média.

A partir de então, o estudo da Retórica ficou restrito ao universo monástico, ou seja, tanto educandos quanto educadores, salvo raríssimas exceções, não a colocavam em prática. Isso só ocorreria a partir do século XI, quando a Retórica passou a ser utilizada na composição de cartas e documentos, e tornou-se uma *epistolografia*: era o nascimento da *ars dictaminis* (ou *dictandi*).<sup>17</sup> E foi dessa época a defesa acadêmica da Retórica feita por Gilberto de la Porrée e João de Salisbury contra os cornificianos.

<sup>9</sup> CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina, op. cit.*, p. 103.

<sup>10</sup> JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 870-871.

<sup>11</sup> JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego, op. cit.*, p. 466-467.

<sup>12</sup> QUINTILIANO DE CALAHORRA. *Obra Completa* (trad., comentários, índice y estudios de Alfonso Ortega Carmona). Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia, 1996-2001, cinco volumes.

<sup>13</sup> PAUL, Jacques. *Historia intelectual del occidente medieval*. Madrid: Cátedra, 2003, p. 76.

<sup>14</sup> ARNS, Dom Paulo Evaristo. *A técnica do livro segundo São Jerônimo*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

<sup>15</sup> AGOSTINHO. *Confissões*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.

<sup>16</sup> SAN ISIDORO DE SEVILLA. *Etimologías I*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2000, p. 363.

<sup>17</sup> PERELMAN, Les. “The medieval art of letter writing – Rethoric as institucional expression”. In: *Textual Dynamics of the Professions* (ed. C. Bazerman and J. Paradis). Madison: University of Wisconsin Press, 1991, p. 97-119 (*Internet*, [http://wac.colostate.edu/books/textual\\_dynamics/chapter4.pdf](http://wac.colostate.edu/books/textual_dynamics/chapter4.pdf)).

## II. A *Retórica nova* (1301) de Ramon Llull

Em setembro de 1301, Ramon se encontrava na ilha de Chipre, hospedado no mosteiro de São João Crisóstomo de Bufavento. Mesmo com quase setenta anos, seu fervor apologético não diminuiria. Sua viagem à Ásia Menor fora estimulada pela crença de cristianizar os mongóis, como ele nos conta em sua autobiografia intitulada *Vida coetânia* (1311).<sup>18</sup>

Em Chipre, nosso autor encontrou um momento de descanso naquele mosteiro, quando então compôs sua *Retórica nova*, um projeto de ordenação e ornamentação das palavras há muito desejado. Como em todas as suas obras, a base estrutural do texto encontra-se em sua *Arte* – um sistema lógico-metafísico “ilustrado por Deus” e aplicável a qualquer tema ou problema específico. Tratava-se, segundo seu criador, de uma ferramenta para investigar a verdade das criaturas, e com o objetivo de converter os infiéis.

Para isso, a *Arte* luliana tomava como ponto de partida de sua construção teórica as dignidades de Deus que eram aceitas pelas três religiões monoteístas (Bondade, Grandeza, Eternidade, Poder, Sabedoria, Vontade, Virtude, Verdade e Glória).<sup>19</sup>

Embora a dupla “antiga/nova” já fosse utilizada pelos autores da época – como, por exemplo, a *Poetria nova* (1200), do gramático Geoffroy de Vinsauf<sup>20</sup> – o adjetivo “nova” no título da obra de Ramon se referia à sua vontade de renovar as bases da Retórica com sua *Arte*. Ademais, para ele, sua *Retórica nova* deveria estar a serviço da pregação, ou seja, na qualidade de um pequeno tratado de homilia, ela serviria para ensinar técnicas retóricas a pregadores<sup>21</sup>, a exemplo de Santo Agostinho que, no último livro de sua *Doutrina cristã*, defendeu que a Retórica deveria estar a serviço da pregação da palavra de Deus, já que a finalidade da eloquência é a verdade.<sup>22</sup>

Ademais, a redação da *Retórica nova* se inscreve em um momento especial da vida do filósofo. Abatido com o fracasso da recepção de sua *Arte* na Universidade de Paris em 1289, Ramon decidiu simplificá-la. Os especialistas denominam esse período de sua produção como “fase ternária” (1290-1308)<sup>23</sup>, já que nosso autor enfatiza nas obras dessa época certas combinações ternárias, além de abstrações teológicas trinitárias, em detrimento da teoria dos quatro elementos da etapa anterior.<sup>24</sup>

Pois bem, a obra se divide em quatro partes: *Ordem*, *Beleza*, *Ciência* e *Caridade*. A *Ordem* confere virtude e eficácia às palavras e, como reflexo da Santíssima Trindade, tem uma tríade que a configura: forma, matéria e fim. Ela existe para que se estabeleça entre o orador e seus ouvintes aquela paz e amizade mútuas que nascem das palavras ordenadas e belas, pois “falar bem deve ser o princípio da amizade”.<sup>25</sup>

<sup>18</sup> RAMON LLULL, *Vida coetânia*, VIII, § 31-35 (OE, vol. I, 1957, p. 34-54).

<sup>19</sup> PRING-MILL, Robert. *El Microcosmos Lull.lià*. Palma de Mallorca: Editorial Moll, 1962, p. 31-32.

<sup>20</sup> TILLIETE, Jean-Ives. *Des mots à la Parole. Une lecture de la Poetria Nova de Geoffroy de Vinsauf*, 2000.

<sup>21</sup> BADIA, Lola. *Teoria i pràctica de la Literatura en Ramon Llull*, Barcelona, Quaderns Crema, 1992, p. 122.

<sup>22</sup> “Introducció”. In: RAMON LLULL. *Retòrica nova* (a cura de Josep Batalla, Lluís Cabré i Marcel Ortín). Turnhout / Santa Maria de Queralt: Brepols / Obrador Edendum, 2006, p. 40.

<sup>23</sup> BONNER, Antoni. *Obres Selectes de Ramon Llull (1232-1316)*. Mallorca: Editorial Moll, 1989, vol. 2, p. 539-589.

<sup>24</sup> BADIA, Lola. *Teoria i pràctica de la Literatura en Ramon Llull*, op. cit., p. 78.

<sup>25</sup> *Retórica nova*, Prólogo, 3.

A *Beleza* é a própria matéria da Retórica. Através dela, todos podem ornar e decorar<sup>26</sup> suas palavras com harmonia, isto é, com uma adequada congruência.<sup>27</sup>

Com a *Ciência*, os homens podem discernir as palavras ordenadas e belas das desordenadas e torpes (e ao utilizar o adjetivo *torpe* – aquilo que é desonesto, infame, abjeto, repugnante, obsceno – Ramon logo chama a atenção para a face moral da Retórica, exatamente como faz Aristóteles em sua obra *Retórica* e toda a tradição, como vimos).

Por fim, a quarta parte, da *Caridade*, é uma grande novidade no tratamento da Retórica em relação à tradição clássica. Virtude das virtudes na filosofia cristã, a caridade articula todas as outras, e, sem ela, nenhuma palavra pode ser bela.

Mas antes de passarmos à análise do tratamento dado à caridade na *Retórica nova*, há ainda um aspecto que merece ser ressaltado que consta em outra obra de Ramon, o *Livro das Virtudes e dos Pecados*, de 1313.<sup>28</sup> A preocupação com a Retórica por parte do filósofo se insere no combate aos pecados que poderiam estar associados a cada arte liberal. Em um dos sermões dessa obra (XLVI), Ramon mostra qual pecado pode se manifestar em qual arte liberal. Por exemplo, enquanto a *Avareza* pode se manifestar na Aritmética e na Geometria, a *Luxúria* é o pecado que ronda a Música e a Retórica:

O homem avaro discorre seu raciocínio através da Aritmética e da Geometria, e o homem luxurioso através da Retórica e da Música. Por isso, as artes liberais são mensageiras da Avareza e da Luxúria, que as levam das letras à imaginação e as apresentam ao raciocínio (*Livro das Virtudes e dos Pecados*, Sermão 2, 46, linhas 68-71. **A tradução é nossa**).

Portanto, tratar a Retórica com a devida virtude e caridade é essencial para afugentar a luxúria do orador!

## II.1. “As palavras surgidas da caridade refulgem esplendorosamente belas”

Por que o filósofo inseriu a caridade em um tratado de Retórica? A base dessa imersão da Retórica no âmbito cristão por parte de Ramon, certamente, se encontra na descrição paulina:

A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. (1Cor 13, 4-7)

---

<sup>26</sup> No original *decore* (de *decor* – o que convém, o que tem graça, encanto, formosura, beleza corporal, ornamento, enfeite; por sua vez, de *decus* – beleza moral, virtude). Segundo Cícero (*De officiis*, 1.96) “...aquilo que é concorde com a natureza, em que aparecem a medida e a temperança com certo esplendor de nobreza”. Esse conceito faz com que a Retórica seja submetida à natureza, isto é, à razão e, assim, a palavra retórica realça a beleza inerente à coisa na qual ela alude.

<sup>27</sup> *Congruência* – Harmonia duma coisa com o fim a que se destina; coerência.

<sup>28</sup> RAMON LLULL. *Llibre de virtuts e de pecats. Nova Edició de les Obres de Ramon Llull* (a cura de Fernando Domínguez Reboiras). Palma de Maiorca: Patronat Ramon Llull, 1990, volum I, 1990.

São quinze verbos que caracterizam o comportamento que a caridade suscita no caridoso, espelho do comportamento do Cristo, imagem ideal da divindade que os homens devem seguir em sua ação no mundo. Assim, veremos que o tratamento dado ao tema por parte de Ramon tem o objetivo de alcançar, graças à caridade, níveis de beleza retórica impensados antes.

Para isso, o filósofo desenvolve o tema com dez provérbios e dez exemplos, sempre com uma breve instrução no fim de cada um sobre a melhor aplicação do exemplo na oratória. Os temas e seus respectivos exemplos são os seguintes:

Temas/Provérbios: “A caridade...”	Exemplos/Personagens
1) ...faz amar o bem e odiar o mal.”	Um cavaleiro e sua esposa
2) ...humilha arrogantes e soberbos.”	Uma paciente mãe e seu filho
3) ...faz esquecer as injustiças e ofensas.”	Um cavaleiro e seu escudeiro
4) ...faz conseguir o que se deseja.”	Uma dama, um advogado e um rei
5) ...edifica o ouvintes.”	Um bispo e um arcediogo
6) ...faz com que o orador e ouvinte tenham amor mútuo.”	Dois vizinhos
7) ...alegra tanto o orador quanto o ouvinte.”	Um mercador e seu filho
8) ...faz com que o repreendedor não seja repreendido.”	Um rei, um sacerdote e um cavaleiro
9) ...faz desdenhar o dinheiro.”	Uma serva velha e sua senhora
10) ...torna belas as palavras torpes.”	Uma pobre senhora e um velho

Ao fim, Ramon diz:

São suficientes estas explicações da quarta parte desse livro que trata da caridade, nas quais expusemos, por meio de provérbios e exemplos, a maneira como as palavras podem ser embelezadas com o esplendor da beleza, se são ditas pela caridade e na caridade. (*Retórica nova*, § 201. **A tradução é nossa**).

## II.2. Exemplos e provérbios

Antes de prosseguirmos, uma pergunta se faz necessária: qual a relação dos *exempla* da *Retórica nova* com a realidade? A utilização do *exemplum* (e suas respectivas metáforas) como documento histórico para uma análise da vida cotidiana do homem medieval foi uma tese defendida por Jacques Le Goff, um dos grandes especialistas deste tipo de fonte histórica.<sup>29</sup>

<sup>29</sup> “...o tipo de texto – de documento – que aqui nos interessa, o *exemplum*, tem sido desde há muito tempo explorado como fonte de informes sobre as realidades concretas da sociedade medieval e, em particular, sobre certos domínios esquecidos ou ocultados pela maioria das outras fontes, como é o caso do folclore ou, simplesmente, da vida quotidiana.” – LE GOFF, Jacques. “Realidades sociais e códigos

Igualmente, Josep Batalla afirma que a representação dos atos virtuosos dos personagens dos *exempla* sobre a caridade na *Retórica nova* coloca em jogo a capacidade de observação psicológica e social do filósofo maiorquino.<sup>30</sup>

Em outras palavras, nossa questão é: quando Ramon inicia seus exemplos com um “Contam que...”, narra uma história verídica (que soube de primeira mão ou não), ou adapta e rearranja uma história verdadeira? Ou ainda: será que ele só se vale de um recurso literário que não tem relação alguma com a realidade? Dos dez exemplos narrados, somente dois (o terceiro e o décimo) não iniciam com o verbo *contar*. O que isso significa? Será possível que aquelas histórias tenham sido verídicas ou, pelo menos, de conhecimento público?

Por outro lado, embora o *exemplum* luliano esteja inserido na pregação urbana característica do século XIII<sup>31</sup>, ele não se enquadra exatamente na definição do *exemplum* clássico medieval, que é um relato breve e verídico para ser inserido num sermão ou em um discurso teológico, com o objetivo de convencer uma platéia através de uma lição moral.<sup>32</sup> Oriundo da retórica antiga – a partir da própria *Retórica* de Aristóteles<sup>33</sup> – o *exemplum* medieval possuía uma estrutura literária bastante rígida e repetitiva, pois era normalmente destinado a um auditório iletrado.<sup>34</sup>

Por sua vez, o *exemplum* luliano, em regra geral, não é realista, nem pretende ter um valor de documento histórico, pois Ramon busca sempre uma atemporalidade e uma utopicidade aplicáveis universalmente.<sup>35</sup>

Contudo, não creio ser ilícito supor que as histórias narradas tenham sido extraídas de situações verídicas, na íntegra ou em suas diferentes partes, até porque o próprio autor conceitualmente defende *a beleza da verdade*:

Quando alguém diz palavras verdadeiras, o próprio **esplendor da verdade** faz manifestamente visíveis aos ouvintes a forma, a matéria e o fim daquelas palavras. Isso faz com que os ouvintes **entendam claramente** e se **unam amorosamente** àqueles que falam, pois a verdade entendida nas palavras torna amáveis os falantes (*Retórica nova*, § 27).  
**A tradução e os grifos são nossos).**

A defesa da verdade das palavras pode ser uma boa base documental para afirmarmos que os exemplos de Ramon podem ter algum grau de realismo. Seja como for, *o caráter amoroso* do capítulo dedicado à caridade – e suas possíveis aplicações reais ou não – elevaram o tema da *Retórica* a um nível ético ainda mais sublime que a

---

ideológicos no início do século XIII: um *exemplum* de Jacques de Vitry sobre os torneios”. In: *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 267.

<sup>30</sup> “Introducció”. In: RAMON LLULL. *Retórica nova* (a cura de Josep Batalla, Lluís Cabré i Marcel Ortín), *op. cit.*, p. 84 e 86-87.

<sup>31</sup> LE GOFF, Jacques. “O tempo do *exemplum* (século XIII)”. In: *O Imaginário Medieval*, *op. cit.*, p. 123.

<sup>32</sup> BREMOND, Claude. “L’*Exemplum* médiéval est-il un genre littéraire? I. *Exemplum* et littérarité”. In: BERLIOZ, Jacques, e DE BEAULIEU, Marie Anne (org.). *Les exempla médiévaux: nouvelles perspectives*. Paris: Honoré Champion, 1998, p. 21-28; CAZALÉ-BÉRARD, Claude. “L’*Exemplum* médiéval est-il un genre littéraire? I. *Exemplum* et la nouvelle”, *op. cit.*, p. 29-42; GREGG, Joan Young. *Devils, women and jews: reflections of the other in the medieval sermon stories*. Albany: State University of New York Press, 1997, e LE GOFF, Jacques. *São Luís. Biografia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999, p. 324-344 (onde o autor trata de alguns *exempla* medievais relativos a São Luís).

<sup>33</sup> CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*, *op. cit.*, p. 97.

<sup>34</sup> SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 144.

<sup>35</sup> BONNER, Anthony, BADIA, Lola. *Ramon Llull. Vida, pensament i obra literària*. Barcelona: Editorial Empúries, s/d, p. 118-119.

tradição clássica, pois a *caritas* paulina é considerada, filosoficamente falando, o grau mais elevado de amor criado pelo homem.<sup>36</sup>

### II.3. A crítica luliana à cavalaria

É notável nos escritos lulianos a capacidade do filósofo em observar a realidade e criticá-la. E um dos estamentos mais sujeitos à sua verve foi o da cavalaria. No *Livro da contemplação* (c. 1273-1274)<sup>37</sup>, por exemplo, ao dialogar com Deus, Ramon acusa a cavalaria de ser composta de “mártires dos diabos”:

Grande rei, liberal em todos os bens e em todas as graças, vemos que os cavaleiros deste mundo, Senhor, combatem e morrem para ter nome, apreço das gentes e para ter terras e tesouros. Mas de que vale a eles a fama das gentes depois da morte? O que eles aproveitam depois da morte do que roubaram das gentes? E por que eles são mártires dos diabos? (CXII, 7. **A tradução é nossa**).

Já na *Retórica nova* há um exemplo sobre um cavaleiro que se irritou com seu escudeiro (§ 193), outro que ficava surpreso como um rei suportava as repreensões de seu sacerdote (§ 198), e outro que surrava sua bela esposa por ciúmes (§ 191). Ou seja, os cavaleiros são facilmente suscetíveis e irritadiços, não sabem escutar admoestações como bons cristãos, e são violentos com as mulheres – ao invés de protegê-las e defendê-las.

Mas vejamos esse triste e último exemplo sobre o cavaleiro ciumento e sua esposa paciente e virtuosa:

**191.** A caridade é a forma que informa a vontade<sup>38</sup> para que ela queira o bem e odeie o mal.

Dizem que um cavaleiro tinha uma mulher muito bela e cheia de caridade, e que outro cavaleiro a amava. Seu marido, muito zeloso, muitas vezes a batia, e muitas vezes a injuriava. Tanto era assim que a dama, injustamente golpeada pelo marido, sentia-se bastante inclinada a consentir com o outro cavaleiro, que lhe pedia insistentemente que o aceitasse. Mas a caridade, que enchia a mente da dama, a consolava e, vencida a inclinação ao mal, a mantinha na observância da caridade.

Este provérbio, com seu exemplo, torna belas as palavras, se é dito nesse caso ou em outro semelhante (**A tradução é nossa**).

---

<sup>36</sup> “Na fruição, no tranquilo estar-perto-de, o amor acaba, encontra a sua realização. Todo o amor é tensão dirigida para essa realização. A realização é a beatitude (beatitudo), que não consiste em amar mas em fruir daquilo que é amado e desejado. Todo o amor é tensão dirigida para essa fruição (...) Fruir é estar perto do objeto desejado, firme e sem inquietude. Nesta proximidade perto-de, a procura é levada até o fim, já não procura mais nada, pelo contrário, permanece aí.” – ARENDT, Hannah. *O conceito de amor em Santo Agostinho. Ensaio de interpretação filosófica*. Lisboa: Instituto Piaget, s/d., p. 35-36.

<sup>37</sup> *Obres Essencials (OE)*. Barcelona: Editorial Selecta, vol. II, 1960.

<sup>38</sup> “Informa tua vontade com a caridade”, *Livro dos Mil Provérbios*, XVIII, 1.

Há a possibilidade de essa história ter sido real? Sabemos que a cortesia dos homens em relação às mulheres foi um longo percurso civilizacional na História, inaugurado de fato somente com o surgimento do *amor cortês* no final do século XII.<sup>39</sup> Antes disso, era costume surrá-las e maltratá-las, especialmente nas camadas sociais inferiores (burgueses e camponeses), pois a descoberta da cortesia na nobreza do final do século XII não se difundiu rapidamente por todo o corpo social.

Por exemplo, ainda no século XIV, um texto do direito de Aardenburgo (uma cidade flamenga que seguia o costume de Bruges) dizia o seguinte a respeito das mulheres burguesas: “Um homem pode bater na sua mulher, cortá-la, rachá-la de alto a baixo e aquecer os pés no seu sangue; desde que, voltando a cosê-la, ela sobreviva; ele não comete nenhum malefício contra o senhor.”<sup>40</sup>

Portanto, provavelmente Ramon utiliza uma situação real que teve informação para adorná-la com a caridade e assim mostrar ao estudioso de Retórica como ornamentar suas palavras e fazer com que os ouvintes amem o bem e odeiem o mal – como ainda hoje nos escandalizamos quando lemos sobre alguma brutalidade cometida contra uma mulher, para o filósofo, um mal terrível que deveria ser combatido com o refinamento da educação.

### III. Conclusão

Há alguns anos o prestigiado historiador italiano Carlo Ginzburg chamou a atenção para a importância de se voltar a estudar a Retórica para trazer de volta às ciências humanas os conceitos de *verdade* e de *prova* e, assim, combater o relativismo cético reinante atualmente no cenário intelectual.

Ginzburg atentou para o fato de que nunca houve uma distância tão grande entre a reflexão metodológica e a prática historiográfica, entre quem pensa a teoria e quem efetivamente “põe a mão na massa”, e trabalha com os textos de época. Portanto, segundo ele, fazia-se necessário resgatar o estudo da *Retórica* para devolver à História o estatuto de *investigação judicial do passado*.<sup>41</sup>

Em seu último livro, “O fio e os rastros”, Ginzburg acentua ainda mais a crítica do que denomina o “radical ceticismo antipositivista”, e defende que o verdadeiro ofício do historiador é destrinchar o entrelaçamento do verdadeiro, do falso e do fictício, que é *a trama do nosso estar no mundo*.<sup>42</sup>

Ao pretendermos analisar a *Retórica nova* de Ramon Llull, tivemos esse pressuposto conceitual em mente, qual seja, o de estabelecer, através das ordenadas palavras retóricas do pensador catalão, o que de fantasia e o que de realidade havia por trás dos exemplos narrados em sua obra. Ou, no mínimo, delinear qual era, de fato, sua visão a respeito da sociedade da época, imagem fortalecida se levarmos em conta que ninguém melhor que um moralista medieval para dissecar com cores vívidas as mazelas da sociedade de seu tempo.

---

<sup>39</sup> COSTA, Ricardo da, e COUTINHO, Priscilla Lauret. “Entre a Pintura e a Poesia: o nascimento do Amor e a elevação da *Condição Feminina* na Idade Média”. In: GUGLIELMI, Nilda (dir.). *Apuntes sobre familia, matrimonio y sexualidad en la Edad Media. Colección Fuentes y Estudios Medievales 12*. Mar del Plata: GIEM (Grupo de Investigaciones y Estudios Medievales), Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMdP), diciembre de 2003, p. 4-28.

<sup>40</sup> GILISSEN, John. *Introdução Histórica ao Direito*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 607.

<sup>41</sup> GINSZBURG, Carlo. *Relações de força. História, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>42</sup> GINSZBURG, Carlo. *O fio e os rastros – verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.